MONOGRAFIAS
FOLCLÓRICAS

1

MARIA THEREZA L. DE ARRUDA CAMARGO

GARRAFADA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS
CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO

MONOGRAFIAS
FOLCLÓRICAS

1

MARIA THEREZA L. DE ARRUDA CAMARGO

GARRAFADA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS • PROGRAMA DE AÇÃO CULTURAL
CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO
1975

A publicação de pesquisas folcló ricas tem-se constituído um dos mais sérios proble mas para a divulgação do folclore brasileiro. O ele vado custo de edição em virtude das ilustrações - ma pas, fotos, música - e o desinteresse comercial pe lo empreendimento vêm relegando aos arquivos trabalhos da maior importância para o conhecimento de nossa cultura popular.

Objetivando estimular a pesquisa e dar-lhe o destino natural da mais ampla divulgação, inicia a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro nova coleção: "Monografias folclóricas". Para inau gurá-la, apresentamos a pesquisa sobre Medicina Po pular - Garrafada - realizada em São Paulo por Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo.

Agosto 1975

Bráulio do Nascimento
Diretor-Executivo

INTRODUÇÃO

Os estudos folclóricos na área da medicina popular têm merecido atenção cada vez maior pelo contingente de informações e esclarecimentos que vêm oferecendo à ciência médica. O folclore, ciência sócio-cultural que estuda o homem através de sua cultura espontânea, não pode estar apartado das demais ciências direta ou indiretamente relacionadas com o ser humano.

Ainda recentemente, no XXVI Congresso Nacional de Botânica, realizado no Rio de Janeiro, um dos painéis foi dedicado à comunicação folclórica sobre plantas na medicina popular. (*)

As plantas medicinais acompanham o homem desde os primeiros tempos e continuam a ser empregadas até hoje no meio popular. A maneira de usá-las, a aplicação e sua nomenclatura muitas vezes variam de uma região para outra e de informante para informante, as vezes na mesma área pesquisada.

Este trabalho focaliza uma das fórmulas terapêuticas bastante difundidas, a garrafada, presente nas classes baixa, média e alta da sociedade moderna.

A garrafada é constituída por uma combinação de plantas medicinais, produtos animais e minerais, tendo como veículo a aguardente ou vinho. As receitas são recomendadas por "guias" de centros espíritas ou de cultos afro-brasileiros (umbanda e candomblé), além dos "doutores raizeiros", curandeiros e benzedeiras. A manipulação obedece rigorosamente aos ditames de quem receita. Geralmente são acompanhadas de simpatias, que atuam psicologicamente sobre os usuários e manipuladores.

A medicina popular sofre, como todo fenômeno folclórico, a influência indireta dos meios intelectualizados e de comunicação. Essa in

(*) - XXVI Congresso Nacional de Botânica e II Simpósio Brasileiro de Bromeliáceas. Rio de Janeiro, 26.1 a 1.2.1975. Participaram do painel "Plantas na medicina popular e seus princípios ativos": Orestes Scavone, Sylvio Panizza e Maria Thereza L. de Arruda Camargo.

fluência é justificada pelas modificações que vão sofrendo, com o tempo, os conceitos, usos e costumes. Assim processa-se o fenômeno da aculturação, corroborada também pelo relacionamento entre os elementos de diversas regiões do País, que habitam as mesmas áreas, o que vem facilitar a transmissão e, conseqüentemente, a assimilação recíproca dos traços culturais. Portanto, os mecanismos de defesa contra as doenças, no campo da medicina popular, não são apenas formas de comportamento herdadas: são aprendidos e modificados lentamente dentro dos grupos sociais. A prática dessa medicina e o uso das garrafadas, cercadas por ritos mágicos, por curandeiros ou benzedores, pode estar relacionada com a medicina da Antiguidade, quando esta era praticada por sacerdotes que receitavam e rezavam.

A realização deste estudo orientou-se pela metodologia folclórica "que possibilita ao pesquisador uma observação controlada e sistemática" [1], a fim de se poder estudar e analisar todos os processos de evolução e aculturação dos fenômenos folclóricos. Os dados apresentados foram registrados em pesquisa de campo realizada no período de 1971 - 1973, em favelas do centro urbano da cidade de São Paulo, bairros da periferia e algumas localidades vizinhas à Capital, além de informações obtidas em documentação do Arquivo do Museu de Folclore de São Paulo.

Uma pesquisa folclórica não se deve bastar em apenas coletar dados e anotar informações. Como ciência, o folclore deve atingir seus objetivos, que são a verificação das razões de ser do fato em estudo, seu aspecto sociológico, psicológico, geográfico, histórico, de funcionalidade e aculturação. Somente através dessas observações é que poderemos chegar a alguma conclusão que contribua para os estudos do homem na sociedade em que vive.

O material coletado está conservado no herbário do Departamento de Botânica do Instituto de Biociências, da Universidade de São Paulo, para continuidade dos estudos de medicina popular convenientes à fitoterapia.

Acompanha este trabalho a relação das plantas que puderam ser recolhidas no período de sua inflorescência para a devida classificação dentro da botânica erudita, desde a família até, quando possível, a espécie. Foram relacionados, também, todos os nomes vulgares encontrados, com a finalidade de evitar os enganos que se vêm repetindo com a identificação das plantas medicinais mais usadas em nosso meio.

Além das pesquisas em laboratório, foi feito um levantamento bibliográfico, abrangendo diversas áreas, indicado no decorrer do estudo.

---

(1) - Lima, Rossini Tavares de - ABECÊ do Folclore, 5ª edição. São Paulo, Ricordi, 1972.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

O homem sentindo, pensando, agindo e reagindo diante dos problemas que o cercam, assume os comportamentos mais diversos. Através da variação desses comportamentos, poderemos estudá-los além de analisar as razões e os porquês dos mesmos.

Envolto por problemas de saúde, o homem adota medidas preventivas e terapêuticas condizentes com seu padrão social, cultural e econômico. Os fatores culturais e sociais interferem menos do que o econômico, na conduta adotada, uma vez que se verifica, como no caso das garrafadas, o seu uso por pessoas das classes sociais e culturais baixas, médias e altas. Nesse caso, posso concluir que se trata de predominância do fator psicológico.

Através de entrevistas realizadas nos locais onde se vendem plantas medicinais para o preparo das garrafadas, observou-se que a procura das mesmas por pessoas pertencentes àquelas classes, ocorre geralmente em decorrência da observância de ordens dadas por "entidades superiores", ligadas às inúmeras seitas religiosas espiritualistas e espiritistas que se expandem na área pesquisada, ou em decorrência de costumes familiares. Esse fator psicológico também pode ser atribuído àqueles menos favorecidos, cujo grau de escolaridade é mais baixo, como é também mais baixa a classe social a que pertencem.

O fato folclórico estudado está mais estreitamente relacionado com o fator econômico. Nas favelas, por exemplo, o problema existe porque as populações são constituídas de elementos mal assalariados, devido à não existência de qualificação profissional de uma percentagem alta de seus habitantes (em 1972, 60% das famílias tinham renda de 1 a 1 e 1/2 salário mínimo). A obtenção dos componentes necessários ao preparo das garrafadas ocorre através da oferta gratuita de amigos que os possuem, do cultivo junto aos barracos ou, em último caso, da procura ou compra em lugares considerados de confiança. No caso das compras, preferem fazê-las junto às pessoas que importam diretamente das regiões produtoras e cujos vendedores geralmente procedem dos mesmos locais de origem dos compradores. Isso se deve ao grande número de imigrantes de outras regiões do País, que habitam as favelas.

Depois de alguns anos de residência no local, vão tomando conhecimento e adquirindo confiança nos pontos de vendagem dos elementos pro

São Paulo, por exemplo, e com a responsabilidade que lhes cabe em "receitar", aceitam voluntariamente os ensinamentos que indiretamente lhes chegam. Vemo-los, então, sofrendo o processo da aculturação que lentamente vai ocorrendo . Portanto, os mecanismos de defesa contra as doenças não podem ser considerados apenas como formas de comportamento herdadas e rigorosamente obedecidas. Eles são aprendidos e modificados lentamente dentro do grupo social a que pertencem.

Curandeiros ou benzedeiras

Os curandeiros e benzedeiras, além de receitarem, rezam e benzem. Essa prática muito comum, tanto nos grandes centros como nos pequenos e zonas rurais, remonta a tempos muito antigos; atribui-se haver chegado até nós a questões ligadas à religião. Podemos reportar-nos à Antigüidade, quando eram os sacerdotes que praticavam a medicina.

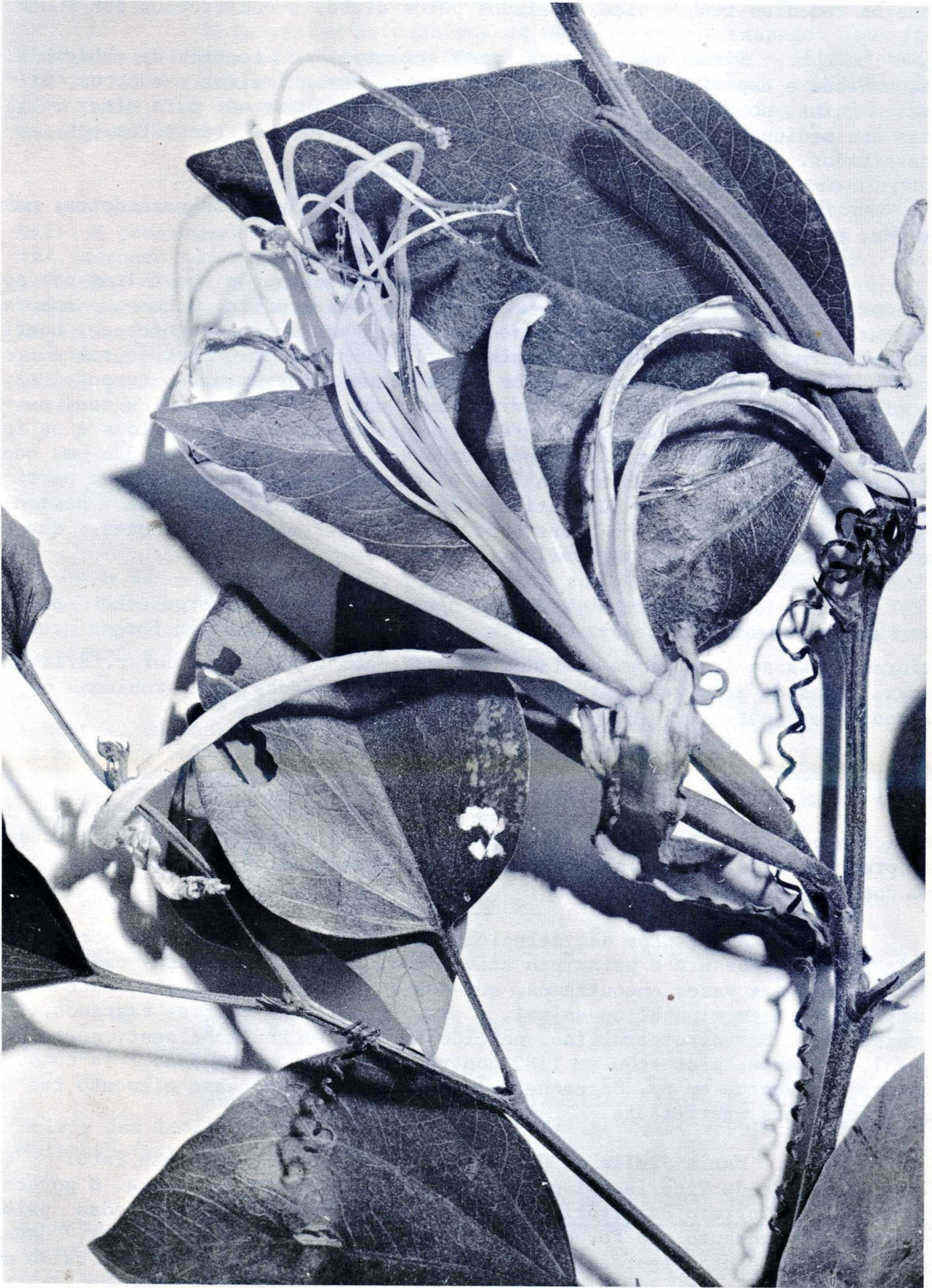
Ainda hoje encontramos interpretações demonológicas para determinados males, que infestam a humanidade, a exemplo de certos problemas neurológicos, como a epilepsia. Durante a pesquisa de campo realizada nas áreas mencionadas neste estudo, foram gravados depoimentos relativos a esse assunto. Nesses casos, entram os curandeiros ou benzedores em ação, além dos trabalhos em candomblés, umbandas ou mesas-brancas, onde também são receitados remédios.

Reportando-nos à medicina antiga, lembremos Childe(1966:213): "As doenças, tanto no Egito como na Mesopotâmia, eram consideradas essencialmente como obra de demônios, ou potências mágicas ainda mais vagas. Portanto,

a medicina consistia essencialmente na expulsão do espírito maligno pelas fórmulas mágicas e pelos atos rituais. Tais atos, porém, tomaram comumente a forma da aplicação ou administração de lenimentos ou poções. Quanto mais repugnante a poção, tanto mais depressa fugiria o demônio; as excreções de homens e animais eram, com freqüência, receitadas. A tradição de que os remédios devem ser desagradáveis é um remanescente da teoria demoníaca da enfermidade, localizável nos mais velhos textos médicos existentes. A mesma teoria aprovava, naturalmente, os purgativos e vomitórios fortes como meios de **expelir** o agente maligno".

A crença de que quanto pior é o remédio melhor será seu efeito curativo continua viva em nossos dias. Mário de Andrade (1972:122-124) faz essa observação, quando se refere à terapêutica escatológica: " ... os excretos teriam sido de primeiro, não um remédio propriamente, mas um meio místico de obtenção da cura... este conceito de ser o excreto um medicamento, que é o que conscientemente perseverou nas classes populares, não perdeu de todo a sua noção de elemento sacrificial... A ingestão ou aplicação dos remédios repulsivos existe para exigir do doente um sacrifício cruciante, uma dor física e moral. E ele pode até se curar com isso. Porque o poder da sugestão é incontrolável".

Exemplo indicado na Ars Curandi (1970:10) é o caso de um médico dos tempos de Ramsés que "se apresentava a seus pares dizendo: Venho da Escola de Medicina de Heliópolis onde os veneráveis mestres do Grande Templo me ensinaram seus remédios. Venho da Escola Ginecológica de Sais, onde as Mães Divinas me entregaram suas receitas. Aprendi os encantos idealizados pessoalmente por Osíris. Tenho, de sempre meu guia o deus Thoth, criador da palavra e inventor de prescrições infalíveis, o único capaz de dar uma fama aos feiticeiros e aos médicos que seguem seus preceitos. Os encantos são eficazes para os remédios, os remédios ótimos para os encantos". To

"casco-de-vaca" - detalhe da folha e da vagem

"casco-de-vaca"
<u>Bauhinia</u> sp - Leguminoseae (Caesalpinoidae)

dos os remédios tinham sido revelados pelos deuses e codificados por Thoth.

Situações análogas vamos encontrar nos centros de candomblé, de umbanda e espíritas, quando são invocados, nos primeiros casos, os orixás e guias, no último, os espíritos evoluídos dos mortos, para ditar receitas aos médiuns, que, em estado de transe, as recebem e transmitem aos necessitados.

Na Roma antiga a medicina era exercida pelos sacerdotes; mais tarde, pelos escravos e libertos.

Os curandeiros rezadores são elementos que não faltam nas sociedades modernas, apesar dos avanços da medicina erudita. O homem, embora muitas vezes cercado pelos recursos médicos que a sociedade oferece, continua procurando o curandeiro. Aichelburg (1972:38-52) em um estudo sobre o curandeirismo indaga: "Quais são os doentes que recorrem aos curandeiros, confiando-lhes sua saúde e a própria vida? Qual a classe social a que pertencem? A opinião de que os clientes dos charlatães são os humildes e os ingênuos não tem fundamento. Foi comprovado que as classes cultas dão uma contribuição não pequena aos charlatães. Os que tiveram oportunidade de participar das assembléias da "Christian Science", na Igreja Matriz de Boston, observaram, sem dúvida, que, entre as centenas de pessoas presentes, quase não se encontravam pessoas humildes."

Quando perguntamos aos benzedores e curandeiros como adquirem seus conhecimentos, dizem sempre que são transmitidos por forças superiores, pois se consideram enviados de Deus, com a missão de curar. Essas pessoas, donas da"arte de curar", recomendam as garrafadas para problemas de diferentes origens.

As garrafadas

As garrafadas têm sido preocupação constante de estudiosos da medicina popular. Fontenelle (1959:30) afirma: "A garrafada é outro processo de preparação de ervas e plantas em que uma bebida alcoólica alinha-se como um dos componentes obrigatórios".

As plantas são selecionadas e destacadas as partes que o manipulador julga possuir o princípio ativo. São, também, empregadas cascas e raízes. Algumas vezes encontramos, somados às plantas medicinais, outros elementos de origem mineral ou animal, a exemplo do pó de chifres raspados. Ambroise Paré, barbeiro-cirurgião, nascido em 1510 em Bourg-Hersent, perto de Laval, Bretanha, protestou em 1582 contra medicamentos em moda, tais como o chifre de licorne em pó. Já naquela época era conhecido esse elemento tão usado hoje nas garrafadas.

Maria Stella de Novaes (1964:30) narra o seguinte fato: "Em 1854, a cidade de Vitória foi martirizada pelas câmaras de sangue. O governo divulgou, no Correio da Vitória, instruções que deviam ser observadas pelos doentes: - "Enquanto não forem os doentes visitados por facultativos, deverão por-se em dieta rigorosa; não tomando alimento algum, a não ser caldo de galinha, água panada, canja de arroz ou caldo de araruta, usando logo de banhos mornos, pelo ventre, repetidas vezes, ao dia. Comparecendo o médico e reconhecida a moléstia, deverá este principiar por administrar ao seu doente infusão de linhaça, adoçada com açúcar arábico, cozimento branco de H. Guibourt, de cevada mondada, com raspas de pontas de veado, e, dentro, algumas

gotas de láudano, regulando para adulto...

Hoje variam as maneiras de obter esse pó: raspagem com faca dos chifres limpos ou calcinados. "Some of the Hichol women - afirma Vogel (1973:229) - drink a decoction of a certain plant to prevent childbearing. Cora women, for the same purpose, take internally the scraping of the male dear horn".

Chernoviz (1904:935), que estudou detidamente o assunto, observa que sua composição é gelatinosa, contendo fosfato de cal e carbonato de cal. E prossegue: "As raspas de ponta de veado, que são brancas ou cinzentas, segundo foi a ponta, antes de ser raspada, limpa ou não, contém muita gelatina, à qual devem as suas propriedades emolientes e o fosfato calcáreo. Fazem-se com eles cozimentos contra a diarréia, na proporção de 10 para 500 de água. Ponta de veado calcinado, que se prepara queimando-se em cadinho até tornar-se branco, depois pulveriza-se a massa, lava-se e reduz a trociscos. O produto não é outra coisa senão o subfosfato de cal misturado com o carbonato".

Modo de preparar as garrafadas

As explicações lógicas com respeito às formas de manipulação e também às origens e valores, popularmente tão comprovados, das garrafadas, constituíram objeto de prolongada pesquisa bibliográfica e histórica. Trata-se da combinação de certas plantas medicinais com finalidades específicas, conservadas em vinho branco ou aguardente.

As partes utilizadas dessas plantas - folhas, flores, frutos, sementes, caules, cascas ou raízes - contêm o necessário princípio ativo. Em botânica aplicada à farmácia, essas partes denominam-se "droga".

A botânica farmacêutica ou médica tem por finalidade estudar toda a planta e determinar a parte que constitui a droga. Exemplo:

- beladona -	Atropa belladona -	folha -	atropina -
nome vulgar	nome científico	droga	princ. ativo antiespasmódico

Para a botânica aplicada à farmácia, portanto, a folha da beladona é a droga.

Assim, nas garrafadas são reunidas as drogas cujos princípios ativos são indicados para um determinado mal: garrafadas para reumatismo, "bichas" (vermes), bronquite, etc.

Normalmente as garrafadas são conservadas em vinho branco ou aguardente. Os elementos que a compõem permanecem juntos aos veículos alcoólicos. Isto ocorre todo o tempo em que estiver em preparação e uso. Não se coam nem filtram tais medicamentos. As plantas são reaproveitadas com o adicionamento de mais vinho e aguardente, o que parece ilógico, pois claro está que a extração dos princípios ativos já teria sido realizada anteriormente. Tal procedimento poderia justificar-se pela consideração de que o tempo fora insuficiente para a completa extração do princípio ativo. As informações obtidas são de que o remédio fica apenas mais fraco, mas continua atuan

do e é o álcool contido na aguardente ou vinho que dá efeito ao remédio. Cientificamente, poderia ser explicado pela potencialização dos efeitos da droga, através do álcool.

Nos primeiros períodos do Brasil colonial, os médicos vindos da Europa praticavam, aqui, uma medicina exclusivamente européia, sem tomar conhecimento da flora local. Não encontrei nos formulários franceses e farmacopéias brasileiras de então qualquer referência que indicasse o uso de garrafadas.

Convém observar que as garrafadas nunca são feitas com vinho tinto, pois o tanino do vinho tinto dificulta a extração dos princípios ativos e o ácido salicílico, como conservador do vinho tinto, poderá entrar em reação química com o princípio ativo da planta, podendo modificar a propriedade terapêutica da mesma. Indagando no meio popular as razões da escolha do vinho branco para o preparo das garrafadas, obtive de curadores de Ibiúna (São Paulo) a informação de que o vinho tinto contém salitre. Outros dizem que colocam um preparado parecido com sonrisal, que tira as forças das plantas.

Acredito ser a alcoolatura a forma farmacêutica que poderia ter influenciado nossas garrafadas, uma vez que são formas oficinais obtidas pela ação dissolvente do álcool sobre uma ou várias partes vegetais frescas, podendo ser simples ou composta. A droga macerada com álcool deverá ficar em recipiente fechado, na temperatura ambiente, durante dez dias. Deve-se, em seguida, coar e filtrar.

Acontece, porém, que as alcoolaturas exigem o refinamento da filtragem, o que não ocorre com as garrafadas. Durante a pesquisa realizada, nunca foi encontrada indicação para a filtragem ou qualquer outro processo de limpeza de resíduo. É provável que esse cuidado nunca tenha sido exigido, pois se sabe que o tanino, presente em quase todas as plantas medicinais, precipita os alcalóides que possam estar contidos em alguma das outras plantas; se coarmos ou filtrarmos a fim de obter uma poção límpida, desaparecerá toda a atividade do medicamento. Nesse caso, é aconselhável sempre agitar a mistura antes de usar. Segundo Heitor Luz (1951:110), nem todos os taninos precipitam todos os alcalóides. O conhecimento desse pormenor cremos que tenha sido levado indiretamente aos que manipulam garrafadas, além das experiências pessoais do manipulador, que o levam conscientemente a adotar medida de certa forma lógica.

Conservá-las enterradas por determinados dias, como fazem os que as preparam, também tem sua razão de ser. Nesse ponto, encontramos analogias com as formas farmacêuticas citadas por vários autores, como por exemplo Chernoviz (1890:1221) quando se refere aos vinhos medicinais que exigem algum tempo de maceração abrigados da luz e do calor do sol. Também a *Farmacopéia dos Estados Unidos do Brasil* (1959:328) apresenta as tinturas que também necessitam de tempo de maceração, abrigadas da luz e calor. Indagados sobre esse assunto, a maioria dos informantes diz tratar-se de imitação dos mais velhos, que ainda hoje são considerados os grandes entendidos na arte de curar.

Quanto ao número de dias que devem ficar enterradas, atribui-se à força mágica dos números. Trata-se de uma simpatia - confirma uma informante, Sofia Vieira, de Ibiúna (SP). Outros, da mesma localidade, afirmam que os números são abençoados pelos guias do terreiro de umbanda. Sabe-se, porém, que é necessário guardar a garrafada por algum tempo para que o remédio "fique forte". O número de dias não obedece a critério uniforme, que nos le

ve a pensar em influência de fundo científico.

A escolha da aguardente ou vinho tem também alguma lógica. Quando na garrafada predomina a planta fresca, geralmente esta é feita com aguardente. Quando predominam cascas, paus, raízes, mesmo com alguma planta fresca, usa-se vinho. Acontece que a planta fresca contém mais água do que as secas e se o preparado for feito com vinho, cujo teor alcoólico é mais baixo que o da aguardente, o remédio fica aguado. Às vezes não se observa esse rigor de escolha e sempre vemos a aguardente como a preferida. Sobre esse aspecto, nota-se que não existe um conhecimento científico das razões de escolha. Uns dizem que a escolha depende da doença, acrescentando ainda, se o remédio é para homem, sempre deve ser feito na aguardente.

Todos os tratados científicos fazem referência às drogas oficiais e oficinais. As primeiras são aquelas incluídas e descritas na Farmacopéia Brasileira, autorizadas pelo Governo e usadas em laboratórios. As oficinais não constam da Farmacopéia, mas são autorizadas para manipulação de medicamentos em farmácias. Apenas não são industrializadas. Medicamento magistral é o receitado por médicos, manipulados em farmácias e obedecidas as dosagens prescritas por eles. Parece exercer influência apenas nas receitas ditadas pelos "doutores raizeiros", que se preocupam em determinar doses em suas receitas através das colheradas, xícaras, mão cheia, ponta de colher, número de folhas ou de pétalas, etc.

Influências

Além da medicina européia, baseada, principalmente, nos formulários franceses muitas vezes traduzidos para melhor divulgação em nosso País, houve a medicina jesuítica que, anteriormente, vinha influenciando o povo através de fórmulas secretas, a exemplo da "Triaga Brasilica". No primeiro caso, tivemos o Dr. João Monteiro que elaborou Fórmulas e Notas Therapeuticas, baseado na leitura de jornais médicos: Brasil Médico, Semaine Médicale, Bulletin Général de Thérapeutique, Le Correspondant Medical, L'Etoile Médicale, Le Journal des Praticiens, La Presse Médicale, Paris Medical e outros. Também Pedro Luiz Napoleão Chernoviz elaborou, baseado em publicações européias e nos conhecimentos aqui adquiridos, um Formulário e um Dicionário que passaram a ser os guias médicos dos lares brasileiros.

Alguns informes sobre a medicina jesuítica mostrarão sua importância nos primeiros séculos de nossa colonização. Encontramos em Serafim Leite (1953:50, 273): "A princípio os medicamentos vinham do reino já preparados. Mas as piratarias do século XVI e as dificuldades da navegação impediram, com freqüência a vinda dos navios de Portugal e era preciso reservar grandes provisões, como sucedia em São Vicente e em São Paulo, ao tempo da Conquista do Rio de Janeiro (1565). A necessidade local obrigou, pois, os jesuítas a terem abundante provisão de medicamentos; e também logo a procurarem os que a terra podia dar, com as suas plantas medicinais , que começaram a estudar e a utilizar em receitas próprias, como as do irmão Manuel Tristão, em 1625. Era natural dos Açores e foi o primeiro boticário ou farmacêutico da Companhia, no Brasil. Deixou uma breve "Coleção de Receitas Medicinais", conhecidas por Purchas, em 1625". Ficou famosa a "Triaga Brasílica" - que aplicava em várias doenças - de muitos componentes, cuja fórmula era mantida em segredo pelos jesuítas.

As observações feitas durante a pesquisa de campo, referen-

"Carrapichinho" - detalhe

"carrapichinho"
Acanthospermum australis (Loefl.), Kuntze - Compositae

tes à credulidade dos resultados terapêuticos positivos, preconizados pelos usuários, bem como a aceitação coletiva nos grupos sociais a que pertencem os informantes, indicam que as garrafadas constituem um fenômeno cultural com as características de espontaneidade peculiares a todos os fatos folclóricos.

Em todo o levantamento da bibliografia médica e folclórica realizado, não foi encontrada nenhuma possibilidade de identificação total das garrafadas com formas usadas por outros povos. Pode-se admitir, portanto, que a garrafada é uma expressão da cultura espontânea brasileira. A questão, entretanto, fica em aberto.

ALGUMAS DOENÇAS E SUAS RECEITAS

Os elementos coletados na documentação do Arquivo do Museu de Folclore de São Paulo e nas pesquisas que realizei nas favelas e na cidade de Ibiúna, SP., forneceram mais de uma centena de receitas. A seguir, uma pequena mostra, focalizando as doenças mais comuns nas áreas estudadas.

BRONQUITE

I - Ingredientes: - 1 litro de vinho branco; 20 limões.
Modo de fazer: - Bate-se no liquidificador o vinho branco, os limões, mais um punhado de noz moscada e uma colher de açúcar.
Uso: - Tomar um cálice 3 vezes ao dia.
Informante: - Pesquisa em Mirante de Paranapanema. (Arquivo do Museu de Folclore, SP.)

II - Ingredientes: - 1 garrafa de pinga (aguardente); guaco; mastruço; assa-peixe; jatobá.
Modo de fazer: - Junta-se tudo à pinga.
Uso: - Tomar um cálice 3 vezes ao dia.
Informante: - Nelson Salvador dos Santos, na cidade de São Paulo.

III - Ingredientes: - Canela em casca; cravo; casca de limão; vinho branco.
Modo de fazer: - Juntar tudo e guardar 5 dias.
Uso: - Tomar uma colher de sopa 3 vezes ao dia.
Informante: - Donária Nunes, pesquisa na cidade de Ibiúna, SP:

CÓLICAS

I - Ingredientes: - 1 garrafa de pinga (aguardente); 1 punhado de arruda; 1 punhado de artimijo; um pouco de buta.
Modo de fazer: - Queimar o açúcar com a arruda, artimijo, buta e despejar a pinga sobre tudo.
Uso: - Tomar um cálice. Repetir a dose se for necessário.
Informante: - Pesquisa na cidade de Iguape, SP. (Arquivo do Museu de Folclore, SP).

II - Ingredientes: - 1 pouco de picão branco; traçagem; feijão guandu; lisoforme.
Modo de fazer: - Ferver o picão, traçagem e feijão guandu e colocar em uma bacia com uma tampinha de lisoforme.
Uso: - Em forma de banho para cólica de menstruação.
Informante: - Pesquisa na cidade de Mogi das Cruzes. (Arquivo do Museu de Folclore, SP).

III - Ingredientes: - Quebra-pedra; estigma de milho; cipó-prata; chapéu-de-couro; pinga.
Modo de fazer: - Juntar tudo à pinga e deixar descansar um pouco.
Uso: - Tomar um cálice 3 vezes ao dia para cólica de rim.
Informante: - Nelson Salvador dos Santos. Pesquisa na cidade de São Paulo.

CONTUSÕES

I - Ingredientes: - 9 dentes de alho; 1 raiz de salsa; 1 garrafa de pinga.
Modo de fazer: - Misturar tudo e enterrar 3 dias.
Uso: - Tomar 3 vezes ao dia.
Informante: - Maria Úrsula da Costa. Pesquisa em favela de São Paulo.

II - Ingredientes: - 1 litro de álcool; folhas de eucalipto; erva-de-santa-maria; folhas de terebintina; folhas de bucha; folhas de mangueira; folhas de melão-de-são-caetano; 1 litro de álcool.
Modo de fazer: - Colocar tudo junto ao álcool e guardar durante 72 horas enterrado.
Uso: - Fazer fricção no local ofendido.
Informante: - Pesquisa em Orlândia, SP. (Arquivo do Museu de Folclore de São Paulo).

III - Ingredientes: - Pinga; pacová.
Modo de fazer: - Juntar tudo e enterrar 9 dias.
Uso: - Para dores na coluna. Tomar até terminar a garrafada.
Informante: - Virgílio Nunes de Oliveira. Pesquisa na cidade de Ibiúna, SP.

FORTIFICANTES

I - Ingredientes: - 1 raiz de jurubeba; 1/2 folha de boldo; 1/2 folha de chapéu-de-couro; um pouco de douradinha do campo; 1 broto de gerbão; 3 brotos de erva-cidreira; 1 pouco de cabelo de milho; um pouco de camomila.
Modo de fazer: - Juntar tudo ao vinho branco.
Uso:- Tomar uma xícara pequena 3 vezes ao dia de 3 em 3 dias.
Informante: - Pesquisa em Mogi das Cruzes. (Arquivo do Museu de Folclore, SP).

II - Ingredientes: - 1 garrafa de vinho branco; 1 colher de café de raspa de noz moscada; pacová; catuaba.
Modo de fazer: - Misturar tudo e guardar enterrado alguns dias.
Uso: - Tomar uma xícara de café 2 vezes ao dia. Para impotência.
Informante: - Florisvaldo de Oliveira. (Arquivo do Museu de Folclore de São Paulo).

III - Ingredientes: - 3 ovos; 1 colher de chocolate; 1 pacotinho de canela em pau; 9 sementes de pacová; 1 garrafa de vinho branco.
Modo de fazer:- Bater as claras em ponto de neve, acrescentar 3 colheres de açúcar e depois de misturado, acrescentar uma garrafa de vinho branco.
Uso: - Para fraqueza em geral. Tomar uma colher de sopa antes de todas as refeições.
Informante: - Manuel da Silva. (Arquivo do Museu de Folclore de São Paulo).

OUTRAS APLICAÇÕES

AMENORRÉIA

Ingredientes: - 1 garrafa de vinho branco; 2 colheres de canela em pó; mão cheia de erva doce; 3 raízes de salsa; mão cheia de mastruz (flor); mão cheia de picão (flor).
Modo de fazer: - Mistura-se tudo e enterra-se a garrafada 3 ou 7 dias.
Uso: - Toma-se uma xícara pela manhã.
Informante: - Madalena de Jesus. Pesquisa na cidade de São Paulo, SP.

ABORTO

Ingredientes: - Rosas brancas; maná; sene; pinga.
Modo de fazer: Misturar tudo.
Uso: - Tomar uma xícara várias vezes ao dia e de preferência em jejum o dia todo.
Informante: - Nelson Salvador dos Santos. Pesquisa na cidade de São Paulo.

LEUCORRÉIA

Ingredientes: - Beijo branco; rosa branca; orelha de pau-vermelho; aniz estrelado; canela; vinho branco.
Modo de fazer: - Misturar tudo e deixar curtir alguns dias.
Uso: - Tomar à vontade até sarar.
Informante: - Pesquisa em Mogi das Cruzes. (Arquivo do Museu de Folclore de São Paulo).

VERMÍFUGOS

I - Ingredientes: - Ruibarbo; semente de mamão; chifre raspado; hortelã; poejo; picão; 1 cabeça de alho; vinagre.
Modo de fazer: - Coloque tudo dentro de uma garrafa de vinho branco e deixe curtir uma semana.
Uso: - Tomar uma xícara em jejum, uma só vez.
Informante: - Pesquisa na cidade de Iguape. (Arquivo do Museu de Folclore de São Paulo).

II - Ingredientes: - Chifre de carneiro raspado; 3 galhos de poejo; 3 galhos de hortelã; pacová; coentro; 1 folha de arruda; tripa de frango torrada; vinho branco.

Modo de fazer: - Misturar tudo e guardar um dia.

Uso: - Tomar 3 vezes ao dia.

Informante: - Donária Nunes. Pesquisa na cidade de Ibiúna, SP.

III - Ingredientes: - 3 brotos de poejo; 3 ditos de hortelã-pimenta; 3 ditos de picão branco; 3 ditos de erva-de-santa-maria; 1 colherinha de chifre queimado e raspado; 3 pingos de limão; 8 caroços de limão grande.

Modo de fazer: - Colocar tudo em uma caneca de folha e sobre os ingredientes, água fervendo. Deixar tapada durante 5 minutos. Soca-se 3 brotos de salsa de horta, tira-se o sumo e mistura-se ao cozimento. Adoça-se com mel de pau.

Uso: - Tomar uma colherinha de 2 em 2 horas.

Informante: - Pesquisa na cidade de São Paulo. (Arquivo do Museu de Folclore de São Paulo).

PLANTAS MEDICINAIS MAIS COMUNS NA PREPARAÇÃO DAS GARRAFADAS

"alecrim", "alecrim-de-jardim", "alecrim comum", "rosmarinho".
Rosmarinus officinalis L. Labiatae.

Parte usada: folha e sumidade florida.

Componentes químicos: óleo essencial, tanino, princípio amargo, resina e glicosídeo, destacando-se uma saponina ácida. (Coimbra e Diniz).

Observações: Em pesquisa realizada em favelas da cidade de São Paulo, foi encontrado o uso do "alecrim" para problemas de olhos como, por exemplo, purgação ou vermelhidão. Os olhos são lavados com água obtida do cozimento das folhas. Em Ibiúna, SP., foi registrado o uso de cigarro enrolado em palha de milho com a planta verde triturada. Faz dormir e é aconselhado para curar "desespero", falta de ar provocada por bronquite ou problemas cardíacos.

Maria Stella Novaes (1964:57) aponta o uso do "alecrim" para cicatrizar umbigo de criança. O "alecrim" deve ser torrado com azeite doce e colocado sobre o umbigo.

Maria de Lourdes B. Ribeiro (1971:21,26) em pesquisa realizada no Estado de Minas Gerais, encontrou indicação do Rosmarinus officinalis para a cicatrização de feridas. Usam, nesse caso, as folhas secas pulverizadas. A mesma autora encontrou, também, o uso do decocto das folhas, para chagas; e em banhos, para reumatismo articular.

No Arquivo do Museu de Folclore de São Paulo há, no setor de medicina popular, registro do uso do "alecrim" para problemas cardíacos.

No meio popular, faz-se, também, uso da infusão das extremidades floridas para dispepsias, inapetência, tosse, gases intestinais e dismenorréia.

Segundo Font Quer (1962:651) as principais propriedades terapêuticas são: estimulante, antiespasmódico e ligeiramente diurético; atua como colagogo, isto é, sobre a secreção biliar. Externamente, se emprega como vulnerária e para combater as dores articulares, bem como para tonificar o corpo cansado.

"arruda", "arruda-comum", "arruda-doméstica", "arruda-dos-jardins", "uabati-
mó", "paricarana", "ruta".

Ruta graveolens L. Rutaceae

Parte usada: planta florida
Componentes químicos: óleo essencial, rutina e um princípio co-
rante denominado ácido rutínico. (Coimbra e Diniz)

Observações: Segundo informações obtidas nas favelas da cida-
de de São Paulo e Ibiúna, SP. a "arruda" é usada sob forma de chá de suas
folhas para: amenorréia, colocam-se as folhas em uma vasilha com pinga e
risca-se um fósforo a fim de queimá-la, a que dão o nome de chá queimado;
para cólicas uterinas, os mesmos informantes indicam o chá feito com água
fervente e abafado; para provocar aborto usam o chá queimado com grande quan-
tidade de folhas; para dores de ouvido, que purga, sob forma de sumo das fo-
lhas pingado no ouvido; para olho irritado e vermelho, também usam o sumo
das folhas acrescido de leite de peito. Somente na cidade de Ibiúna, SP.,
foi registrado o uso de bochechos com chá de arruda para dores de dentes.

Fausto Teixeira (1954:95) também registra a infusão de "arru-
da" para banhar os olhos irritados.

Para o problema de amenorréia, Vera Langowiski (1973:92) en-
controu em pesquisa realizada no Estado do Paraná, o uso do chá de "arru-
da".

Segundo Vogel (1973:231) era já usada pelos índios sul-ameri-
canos, na forma de decocto, para amenorréia e, em doses altas, para induzir
a expulsão do feto.

Hildegardes Viana (1969) registrou, na Bahia, a esfregação de
"arruda" na barriga de mulher após parto.

Cruz (1965:121), referindo-se à terapêutica, afirma ser indi-
cado como estimulante, emenagogo, no combate à verminose, reumatismo, para-
lisias, incontinência de urinas, gases intestinais, etc.

***

"abútua", "buta", "butua", "parreira-brava", "videira-silvestre", "baga-da-
praia", "falso-paratudo", "uva-do-rio-Apa", "ciparabo".

Chondodendron platyphyllum (Saint Hilaire) Miers - Minispermaceae

Parte usada: raiz
Componentes químicos: berberina - chondroina ou oxiberberina
- buxina - matérias mucilaginosas, resinosas, etc. (Segundo Coimbra, 1941:
17)

Observações: Nas áreas pesquisadas todos os informantes foram
unânimes em afirmar seu uso em dismenorréia e em metrorragia. São comuns as
garrafadas contendo "abútua", que são indicadas para "problemas de senho-
ras".

Coimbra indica a "abútua" como diurético, febrífugo, colago-
go; usada nas hidropsias, nas doenças renais e das vias urinárias (princi-

palmente contra cálculos renais) e contra febres em geral; também nas afecções hepáticas, agindo como desobstruente; alguns autores consideram-na emenagogo.

Embora a "abútua" apresente várias indicações terapêuticas, não foram encontradas outras indicações, senão para problemas uterinos. Isso faz crer que para os outros fins, acima referidos, dão preferência no meio popular a outras plantas medicinais.

***

"alho"

Allium sativum L. Lilliaceae

Parte usada: bulbo fresco
Componentes químicos: óleo essencial com disulfeto de alilo, disulfeto misto de alilo e propilo e trisulfeto de alilo; o glicosídeo alina e fermento alisina. (Coimbra e Diniz).

Observações: Entrevistas realizadas nas favelas, com informantes procedentes de diversas regiões do País, apontaram o uso do dente de "alho", principalmente para verminose e gripe. Alguns informantes, quando usam o "alho" para verminose, costumam acrescentar pó de chifre de boi. Outros acrescentam, para o mesmo fim, a cebola branca. Porém, todos preferem tomar em jejum esse chá, que é feito com água fervendo.

Para gripe aconselham o mesmo chá dos dentes de alho, acrescido de limão.

Outros entrevistados recomendam o alho cortado e esfregado na cabeça para problemas de "peladas" (parasitoses) ou pisado com cebola, sobre furúnculos, para "puxar" pus.

É, também, comum o uso de "esfregação" de "alho" socado com sebo de boi na barriga da parturiente. A mesma esfregação é usada nas entorses.

Seu aproveitamento no meio popular vem perfeitamente concordar com as propriedades terapêuticas cientificamente comprovadas: vermífugo, diaforético, antisséptico das vias respiratórias. Externamente é rubefaciente.

***

"camomila", "camomila vulgar", "camomila comum", "camomila dos alemães", "matricária".

Matricaria chamomilla L. Compositae

Parte usada: capítulo floral
Componentes químicos: óleo essencial de cor azul devido a presença do azuleno, ácido artêmico (princípio amargo), iso-butílico e outros em forma de ésteres, tanino, ácido málico, etc. (Coimbra e Diniz).

Observações: Todas as informações encontradas durante a pesqui

- "Carqueja" - detalhe da flor

"carqueja"
Baccharis genistelloides Person, var. trimera Baker, Compositae

sa de campo foram relacionadas ao seu uso como calmante, para dor de barriga de criança e adulto, além de seu emprego para urina presa. Para todos esses fins, a "camomila" é usada sob forma de chá das flores secas.

Segundo Font Quer (1962:808), a "camomila" é antiespasmódica, sedante e se usa principalmente nos transtornos nervosos de crianças e mulheres; nestas quando sofrem de dismenorréia, isto é, "regras" dolorosas. É estimulante digestivo atuando, ainda, sobre os movimentos peristálticos intestinais e, portanto, tem notável propriedade carminativa.

Segundo Coimbra (1941:58), é estomáquico, antiespasmódico, sudorífico. Usado na diarréia infantil, nos embaraços gástricos, cefaléias e gripes.

Portanto, seu uso no meio popular concorda com as indicações terapêuticas apresentadas na bibliografia consultada.

RELAÇÃO DE PLANTAS RECOLHIDAS

NA PESQUISA DE CAMPO

As plantas foram coletadas durante a florescência classificadas dentro da botânica erudita e conservadas em mostruário.

"abútua"
Chondodendron platyphyllum (Saint Hilaire) Miers - Minispermaceae

"alecrim"
Rosmarinus officinalis L. - Labiadae

"alho"
Allium sativum L. - Liliaceae

"arruda"
Ruta graveolens L. - Rutaceae

"artimijo"
Chrysanthemum parthenium L. - Compositae

"cambará"
Lantana camara L. - Verbenaceae

"camomila"
Matricaria chamomila L. - Compositae

"carqueja"
Baccharis genistelloides Person, var. trimera Baker, Compositae

"carrapichinho"
Acanthospermum australis (Loefl.), Kuntze - Compositae

"casco-de-vaca"
Bauhinia sp - Leguminoseae (Caesalpinoideae)

"cidrão"
Cimbopogon nardus - Gramineae

"erva-de-santa-maria"
Chenopodium ambrosioides L. - Chenopodiaceae

"erva-de-bicho"
Polygonum persicaria L. - Polygonaceae

"guiné"
Petiveria alliaceae L. - Phytolaccaceae

"jarrinha"
Aristolochia cymbifera Martius - Aristolochiaceae

"laranjinha"
Acanthocladus brasiliensis Klotzsch - Polygalaceae

"losna"
Artemisia absinthium L. - Compositae

"maracujá roxo"
Passiflora edulis Sims - Passifloraceae

"maracujá amarelo"
Passiflora alata Aiton - Passifloraceae

"mastruço"
Lepidium bonariense - Cruciferae

"mentrasto"
Ageratum conysoides L. - Compositae

"mentruz"
Coronopus didymus L. - Cruciferae

"picão"
Bidens pilosa L. - Compositae

"rubim"
Leonurus sibiricus L. - Labiatae

B I B L I O G R A F I A

Aichelburg, Ulrico de - 1972 - Curiosa Pesquisa sobre charlatães e curandeiros. Rassegna médica e cultural - nº 3. São Paulo, Rassegna Editora.
Médicos e Medicina na antiga Roma. Rassegna médica e cultural nº4. São Paulo. Rassegna Editora.

Andrade, Mário - 1972. 3ª edição. Namoros com a medicina. Martins Editora. São Paulo.

Araujo, Alceu Maynard - 1958. Alguns ritos mágicos - abusões, feitiçarias e medicina popular. Rev. do Arq. Municipal de São Paulo.

Ars Curandi. 1970. A medicina no antigo Egito. Ars Curandi fasc. 2 abril. Memória médica. Editora Lord. São Paulo.

Balbachas, Alfonsas - 1962. 13ª ed. As plantas curam. São Paulo.

Barros, Terra - 1914. Quimica orgânica. Rio de Janeiro, Editora Apolo.

Barton, Benjamin Smith - 1812. Collections for an essay towards, a materia medica and elements of botany or outlines of natural history of vegetables. 2ª ed. v. 2 Philadelphia.

Bouchardat, A. - 1881. 23ª ed. Formulaire magistral. Librairie Germer Baillière. Paris.

Borsook, Henry - 1942. Vitaminas - o que são e para que servem. Casa do Livro. Rio de Janeiro.

Carvalho, Affonso Rangel de - 1972. 3ª ed. A cura pela plantas. Editora Folco Masucci. São Paulo.

Chernoviz, Pedro Luiz Napoleão - 1890. 6ª ed. Dicionário de medicina popular. A. Roger e F. Chernoviz. Paris.
1904. 17ª ed. Formulário e guia médico. Paris.

Childe, V. Gordon - 1966. A evolução cultural do homem. Biblioteca de cultura histórica. Zahar Editores. Rio de Janeiro.

Clauss Edward P. Gathercoal (Edmund Norris) and Wirth (Elmer Hauser) 1961. Pharmacognosy 3d ed. revised Philadelphia, Lea Febiger, 1956; 4th ed. 1961.

Coimbra, Raul e E. Diniz - 1941. Notas de fitoterapia. Rio de Janeiro.

Corrêa, M. Pio - 1969. Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas. v.IV, Ministério da Agricultura. Instituto Brasileiro de desenvolvimento florestal. Rio de Janeiro.

Cruz, G. L. 1965. 1º v. Livro verde das plantas medicinais e industriais do Brasil. Belo Horizonte.

Dorland, W.A. Newman, A.M., M.D., F.A.C.S. 1945. The american ilustrated medical dictionary. Saunders Company. Philadelphia and London.

Farmacopéia dos Estados Unidos do Brasil. 1959 - 2ª ed. Gráfica Siqueira. São Paulo.

Fontes, Paulo B. de Carvalho - 1973. 2ª ed. Index terapêutico modernos das especialidades farmacêuticas e biológicas. Editora Brasileira de Informações Médicas. São Paulo.

Fontenelle, L.F. - 1959. Aimorés - análise antropológica de um programa de saúde. D.A.S.P. Rio de Janeiro.

Gentchujnicov, Irina - 1968. Chave artificial para identificação de plantas daninhas do Estado de São Paulo. Fac. de Ciências médicas e biológicas - Departamento de Botânica - Botucatu - Estado de São Paulo.

Gilbert. A. et Ch. Michel - 1918. 27ª ed. Formulaire pratique de thérapeutique et de pharmacologie Octave Doin et fils Editeurs, Paris.

Gonçalves, Fernandes - 1938. O folclore mágico do nordeste. Civ. Brasileira. Rio de Janeiro.

Goodma N, Louis S. Alfred Gilman - 1958. 2ª e 1º v. As bases farmacológicas da terapêutica. Editora Guanabara. Rio de Janeiro.

Hoehne, F.C. - 1920. O que vendem os hervanários da cidade de São Paulo. S. Paulo.

1939 - Plantas e substâncias vegetais tóxicas e medicinais, Graficars. São Paulo.

Langowiski, Vera Beatriz Ribeiro - 1973. Contribuição para o estudo dos usos e costumes do praieiro do litoral de Paranaguá. Cadernos de Artes e Tradições Populares. Paranaguá, Paraná. Museu de Arqueologia e Artes Populares, nº 1. julho.

Leite, Serafim - 1953. Artes e ofícios dos jesuitas (1549-1579). Tipografia Porto Médico. Porto.

Lima, Rossini Tavares de - 1972. 5ª ed. ABC do folclore. Ricordi. São Paulo.

Loskiel, Geroge Henry - 1974. History of the mission of the United Brethren among the indians in North America. Printed for the Furthe-

rance of the Gospel. London.

Luz, Heitor - 1951. 3ª ed. Novo manual médico-farmacêutico. Vieira Pontes Editores. São Paulo.

Magalhães, Jósa - 1966. Medicina folclórica. Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza.

Martins Odilon - 1920. 7ª ed. Nouveau formulaire magistal de thérapeutique clinique et de pharmacologie. Bailliere. Paris.

Melo, Otaviano - 1967. Dicionário Tupi. Editora Masucci. São Paulo.

Monteiro, João - 1921. Formulas e notas therapeuticas. 4ª ed. Paulo Azevedo. Rio de Janeiro.

Novaes, Maria Stella de - 1964. Medicina e remédios no Espírito Santo. Vitória.

Peckolt, sd - Drogas vegetais brasileiras - cipó azougue - Rev. Brasileira de medicina e farmácia. nº 1 e 2. ano IX.

Pinto, Pedro A. - 1932. 3ª ed. Noções de botânica aplicada à medicina e farmácia.

Prillmann, Alfred - 1970. Ambroise Paré Imagem Roche nº 22. Rio de Janeiro.

Quer, P. Font. 1962 - Plantas Medicinales - El Dioscórides renovado.Editorial Labor. Rio de Janeiro.

Ribeiro, Lourival - 1971. Medicina no Brasil colonial.Editora Sul Americana. Rio de Janeiro.

Ribeiro, Maria de Lourdes Borges - 1971. Inquérito sobre práticas e superstições agrícolas de Minas Gerais. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro.

Rocha, Arildo Bueno - 1969. Estudo Botânico de Petiveria alliaceae, L. (morfologia externa e anatomia) Fac. de Farmácia e odontologia de Araraquara. Estado de São Paulo.

Sampaio, Francisco Antonio de - 1971. Historia dos reinos vegetal e mineral do Brasil, pertencente à medicina. Tomo I. Anno 1782. Anais da Biblioteca Nacional v. 89. 1969. Tip. Batista de Souza. Rio de Janeiro.

Schof, Johann David - 1903. Materia médica americana Potissinum regni vegetabilis. Loyd Library Bulletin nº 6. Cincinnati.

Silva, Rodolfo Albino Dias da - 1926. Farmacopeia dos Estados Unidos do Brasil. Ed. Nacional. São Paulo.

Souza, Gabriel Soares - 1938. 3ª ed. Tratado descritivo do Brasil em 1587. Comp. Ed. Nacional. Brasiliana. Serie 5ª v. 117. São Paulo.
(sd) Noticias do Brasil. v. 2. Livraria Martins Editora. São Paulo.

Teixeira, Fausto - 1954. Medicina popular mineira. Organizações Simões. Rio de Janeiro.

Viana, Hildegardes Cantolino - 1969. As aparadeiras, as sendeironas e seu folclore. Rev. do Arquivo Municipal de São Paulo - outubro-dezembro. São Paulo.

Vogel, Virgil J. - 1973. American indian medicine. Ballantine Woden Edition. New York.

ÍNDICE

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de Cultura